

Paz mundial

Um romance

D. Rose

© 2026 D. Rose. Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção.

Publicado originalmente em alemão como Weltfrieden (2026).

Traduzido do alemão. Projeto de capa: o autor.

Sumário

Capítulo 1: Dubai 2060 – “Começos”	4
Capítulo 2: Genebra 2061 – “A verdade”	31
Capítulo 3: Forest City, Liuzhou (China) 2062 – “A paz econômica”	57
Capítulo 4: Reykjavik 2063 – “Educação e transmissão”	77
Capítulo 5: Cidade do Cabo 2064 – “Justiça”	92
Capítulo 6: Montevideu 2065 – “Memória”	110
Capítulo 7: Rio de Janeiro 2066 – “Cultura e identidade”	131
Capítulo 8: Helsinki 2067 – “A perda”	148
Capítulo 9: Berlim 2068 – “O voo”	166
Capítulo 10: Bali 2069 – “O recomeço”	182
Nota do autor	196

Capítulo 1: Dubai 2060 – “Começos”

“Mãe, ainda está escuro.”

“São sete e meia, Jonas.”

“É o que eu tô dizendo.”

Em alguma pasta de briefing, eu sou a ministra das Relações Exteriores da Suíça. Neste quarto, às sete e meia de uma manhã escura de fevereiro, em Berna, sou uma mulher perdendo uma negociação para uma pessoa debaixo da coberta. Meu filho tem oito anos, está deitado na cama duro feito uma tábua e decidiu que o nascer do sol é uma questão de agenda. E que a agenda está errada.

Tento a ciência. “Jonas, no inverno o sol nasce mais tarde. Você sabe disso.”

De dentro da coberta vem a alegação final. “Então me acorda no verão.”

Oito anos, e já argumenta como advogado.

No banheiro, a irmã gêmea dele é outro sistema meteorológico. A Heidi já está de pé, vestida, plantada na frente da pia, escovando os dentes com a cara de quem desconfia que trocaram a pasta de dente dela por mos-

tarda. Ajudar uma menina de oito anos a escovar os dentes significa: segurar firme, escovar e fingir que você não está levando cusparada. A Heidi tem o temperamento de uma frente de tempestade e a atenção de um esquilo, e, quando não está emburrada, é a pessoa mais engraçada que eu conheço. As transições entre uma coisa e outra são fluidas e imprevisíveis, como o tempo na montanha.

E tem a Elsbeth. Dez anos. Vestida, sapato amarrado, lancheira pronta, de bom humor. A Elsbeth é a criança que me convenceu, logo depois do parto, de que um segundo filho seria uma ideia maravilhosa.

Ninguém avisa como é ter gêmeos.

Ninguém.

Nem os livros, nem a parteira, nem as mulheres bem-intencionadas que não têm gêmeos, mas sabem exatamente como se faz.

Enquanto os três roubam os sucrilhos uns dos outros, eu fico parada na porta da cozinha repetindo para mim mesma, como um mantra: faz quase dez anos que há paz no mundo inteiro.

Pensa nisso um segundo. Em todos os milênios anteriores, isso nunca aconteceu. Nem uma vez. Nem um único ano em que houvesse paz de verdade na Terra inteira, sem exceção: nenhum tiro, nenhum bombardeio,

nenhuma granada caindo em lugar nenhum.

Dez anos.

E eu passei justamente esta manhã deles negociando com uma coberta.

Meu nome é Anna Zaugg. Tenho trinta anos, sou ministra das Relações Exteriores da Suíça e vivo em dívida crônica de sono. Não por causa da política mundial. A política mundial seria quase romântica. Por causa do Jonas, da Heidi e da Elsbeth, meus três perturbadores pessoais da paz.

O nome da Elsbeth eu escolhi minutos depois do parto. Tudo tinha corrido tão bem, e naquele momento eu quis alguma coisa clássica. Atemporal. Conservador, dizem umas. Antiquado, dizem as menos educadas. Minhas colegas do ministério tinham sugestões de sobra: Mila, Lena, Nova. Nomes que soam como propaganda de perfume. A Elsbeth nunca reclamou. Outro dia chegou da escola anunciando: “Mãe, eu sou a única Elsbeth da escola inteira. Provavelmente da cidade inteira.” Disse isso com um orgulho de Prêmio Nobel. Foi aí que eu soube que tinha acertado.

O Jonas, claro, é o rebelde da família. A escola dele, como quase toda escola do mundo hoje, roda no sistema novo: um currículo central igual para todas as crianças, não importa o sexo (matemática, ciências, esportes, marcenaria e reparos), mais duas optativas obrigatórias por

semestre (teatro, dança, culinária, trabalhos manuais, interpretação), com troca permitida a cada semestre, para ninguém passar o ano inteiro preso na caixinha errada. No fundo, a ideia toda é essa. Chega de caixinhas. E, se tiver que existir caixinha, que seja com a porta aberta.

O Jonas se inscreveu por vontade própria em futebol e culinária e se recusa terminantemente a sequer experimentar tricô ou teatro. O que não scandaliza ninguém: escolher livremente é justamente o ponto do sistema. O Jonas só escolhe mais alto que a maioria.

Ele é um dos poucos meninos da turma, e às vezes eu me pergunto se isso não é solitário. Quando pergunto, ele diz: “Que nada, as meninas são legais. A maioria, pelo menos.” Depois abre aquele sorriso, e eu paro de me preocupar.

Por mais ou menos uma hora.

Lá embaixo, no carro, a Gabi espera. A Gabi é minha assistente. Tem trinta e cinco anos, uma filha chamada Simone e o talento notável de tocar três conversas ao mesmo tempo, administrar uma agenda e parecer que dormiu oito horas. Depois de oito horas de sono, eu pareço ter dormido três. Depois de três, a Gabi parece estar voltando de um spa. Não sei como ela consegue, e decidi não investigar, vai que a resposta é disciplina.

Só quando o avião decola eu consigo admitir para onde estou indo. Dubai. Conferência da Paz número dez, a minha primeira, porque minha antecessora, Barbara Müller, se aposentou no ano passado. A Barbara era uma mulher notável, uma das poucas ministras com um homem só dela. O Thomas dela foi um dos sobreviventes do vírus, e os dois moravam numa casinha à beira do lago de Thun que a Barbara se recusava a trocar por apartamento em Berna. “Eu posso governar de casa”, ela gostava de dizer. “E o Thomas pode cozinhar de casa.”

Aos trinta anos, sou a ministra das Relações Exteriores mais jovem da Suíça desde a fundação da Confederação. Soa impressionante. Na prática, é estar sentada num avião torcendo para a sua assistente ter posto o discurso certo na mala.

O voo dura seis horas, e a Gabi usa cada uma delas. Trouxe três pastas: os currículos de todas as ministras das Relações Exteriores, as orientações de protocolo e as recomendações de restaurante em Dubai. A terceira pasta é a mais gorda. “Prioridades”, diz ela quando flagra meu olhar.

Leio os currículos como um romance, até porque eles parecem um.

Nia, África. Cinquenta e dois anos, três filhos. Dirigiu um campo de refugiados no Quênia durante a guerra e depois ajudou a construir a União Africana. Vive há

vinte anos com a companheira, Adjoa, uma médica que conheceu num hospital de campanha.

Leila, Emirados Árabes Unidos. Quarenta anos, uma filha. Economista, conhecida pelo apego aos números e por levar estatísticas plastificadas a toda conferência. A companheira, Farah, é arquiteta em Abu Dhabi.

Mei, China. Trinta e cinco, sem filhos. Especialista em cultura, reformou a indústria do cinema chinês. Vive com a coreógrafa japonesa Sakura; em Pequim, as duas passam pelo casal mais deslumbrante da cena cultural.

Irina, Rússia. Sessenta e sete, a mais velha da roda. Fala pouco, escuta muito. No arquivo dela, uma única palavra: viúva.

Emelie, Escandinávia. Trinta e oito, seca como um martíni, digitalizou o estado de bem-estar social escandinavo. Casada com Astrid, uma bióloga que pesquisa partenogênese na Universidade de Estocolmo.

Yuki, Japão. Uns trinta e cinco anos, ministra da Tecnologia, fala mais baixo que todo mundo e mesmo assim é sempre ouvida. Foi ela que desenvolveu a estratégia japonesa de IA. Não é casada, não tem filhos, tem uma sobrinha que quer ser astronauta.

Hilda, Alemanha. Quarenta e cinco. Casada com Sven, quarenta e sete.

Um homem só dela.

Leio a frase três vezes. Num mundo em que os homens são uma espécie em extinção, em que as mulheres passam de noventa por cento da população e a taxa de natalidade global oscila entre um e um vírgula cinco, essa mulher tem um homem só dela. Não um homem de catálogo de doadores. Não um homem de fim de semana, dividido com três outras. Um homem de verdade, vivo, de todo dia. A história por trás disso não está no arquivo. Prometo a mim mesma que não vou perguntar. E sei, no mesmo fôlego, que vou.

Fora a Hilda e a Barbara, não conheço nenhuma ministra que viva com um homem. Não é que as mulheres desprezem os homens. A maioria simplesmente nunca conheceu um. Num mundo com mais de noventa por cento de mulheres, apaixonar-se por uma mulher é a coisa mais natural que existe. Os poucos homens que restam são disputados, mas mais como recurso biológico do que como companheiro de vida.

Soa duro.

E é a realidade.

Quanto ao jeito de as crianças virem ao mundo: há mais de dez anos existe uma alternativa à inseminação artificial com sêmen de doador. Partenogênese. Um óvulo é convencido a se dividir sem espermatozoide nenhum, e as crianças são sempre meninas, só cromossomo X, nenhum Y. Com os subsídios do governo, sai mais

barato que o banco de sêmen em quase todos os países, em alguns é praticamente de graça, e mesmo assim a adesão é surpreendentemente baixa. As mulheres querem a variedade genética de um doador, talvez até a pequena chance de um menino. Irracional, se você olhar só os números. Mas o desejo de ter um filho nunca foi uma questão de razão.

Pergunte à Gabi. Diante daquele tanto de doador, ela não conseguiu se decidir e adiou a inseminação por quase dez anos. Foram tempos divertidos. Toda semana ela aparecia na copa com uma leva nova de perfis, e a gente avaliava os candidatos juntas, feito aplicativo de namoro, só que sem o risco de o sujeito aparecer ao vivo dez centímetros mais baixo do que anunciava.

“Este aqui tem olhos verdes e toca violoncelo.”

“Sim, mas olha essas orelhas.”

“Gabi, não dá para ver orelha em perfil.”

“Exatamente! Aí é que está o suspeito.”

Por um tempo ela teve um favorito, porque no catálogo constava “cozinheiro amador e maratonista”. Três semanas depois, descartou o homem: não conseguia se imaginar criando uma criança capaz de correr maratona por vontade própria. “Quem faz isso com o próprio corpo, Anna? Quarenta e dois quilômetros. Por vontade própria. Isso não é hobby, é pedido de socorro.”

A filha que ela acabou tendo, Simone, adora teatro e quer ser atriz um dia, na Índia ou na China, porque foi lá que as melhores diretoras se juntaram, montaram escolas e levaram o cinema a um patamar completamente novo. Nos Estados Unidos e na Europa, aconteceu o contrário: não sobrou atriz de verdade, só intérpretes geradas por computador, rodando em pura capacidade de processamento. Para a Simone, Hollywood é um tédio. “Mãe, aquilo ali é tudo computador”, ela diz para a Gabi, e a Gabi suspira, porque ama em segredo os velhos filmes da Marvel, em que homens de roupa apertada salvavam o mundo.

Ironia da história.

O aeroporto de Dubai me impressiona, apesar de todas as fotos que eu tinha visto antes. Os terminais são cidadezinhas: lojas, restaurantes, jardins tão bem cuidados que dá vontade de perguntar se as plantas são de verdade. São. Dubai se dá ao luxo de plantas de verdade dentro de um aeroporto. No deserto. De algum jeito, combina com um lugar que sempre fez do impossível o seu modelo de negócio.

Na cascata do portão A, preciso parar. A água despenca quatro andares num tanque iluminado, e centenas de luzinhas descem junto com a água, de um jeito que parece que está chovendo estrela. Fico ali parada como criança em museu e, por cinco minutos, esqueço tudo. O discurso. A conferência. A mancha na blusa, que com

certeza é granola do Jonas e que eu venho escondendo desde Zurique.

“Anna, o carro está pronto.” Gabi, pontual como trem suíço.

Do aeroporto seguimos, como manda o figurino, num Bentley elétrico. Minha motorista, uma moça de uns vinte e cinco anos com um sorriso mais largo que o carro, trouxe as duas filhas pequenas, porque senão chegaria atrasada. As duas vão na frente, espremidas numa cadeirinha tamanho GG, dando risadinhas naquela frequência que só criança de menos de cinco anos produz. A risadinha que contagia mesmo quando você não faz ideia da graça. Provavelmente não tem graça nenhuma. Criança dessa idade ri de nada e de tudo, o que talvez seja a característica mais saudável que a gente perde ao longo da vida.

Primeiro fazemos um desvio até o jardim de infância, para ela deixar as meninas. É um prédio novo, de paredes forradas de plantas e um parquinho que parece um parque de aventuras em miniatura, e, como já são onze horas, o movimento de chegada vai rareando; lá dentro, as crianças pedem aos gritos o almoço que está sendo posto no refeitório. O prédio inteiro é de vidro. Os pais podem passar de carro a qualquer hora e ver os filhos, e mesmo assim a sensação não é de vigilância. É de sala de estar aberta, onde toda mulher é bem-vinda, até a que está só de passagem.

“Minhas meninas não dormem mais depois do almoço”, vai contando a motorista, enquanto costura o trânsito. “Melhor para a noite, aliás. Senão elas ficam acordadas até as nove querendo mais uma música e mais um copo d'água e mais uma história.”

Pois é. No mundo inteiro é igual. Em Berna, em Dubai, provavelmente na Lua, se lá morasse criança. Iam comer poeira lunar e se recusar a dormir.

O trajeto pela cidade é um espetáculo à parte. Dubai mudou desde os anos trinta. As fachadas douradas e ostentosas dos anos 2020 deram lugar a algo mais elegante: muito verde, muito vidro, menos “olha como somos ricos” e mais “descobrimos que sustentabilidade é sexy”. Os prédios mais altos do mundo continuam aqui, só que agora vestem jardins verticais e produzem mais energia do que consomem. Pelo menos é o que juram os folhetos. A Gabi, claro, leu um.

O centro de conferências fica numa ilha artificial em forma de flor de lótus gigante. Claro. Em Dubai, tudo precisa ter forma de alguma coisa. O hotel ao lado tem forma de onda. O restaurante em frente parece uma concha. Fico me perguntando se existe nesta cidade um único prédio que pareça só um prédio. A Gabi fotografa tudo. Para a Simone, diz. A Simone quer saber se Dubai é “surreal daquele jeito” que aparece na internet. É, Simone. Dubai é exatamente daquele jeito. Só que mais quente.

O calor me acerta como uma parede assim que desço do Bentley climatizado. Quarenta e cinco graus à sombra, e sombra por aqui é mais ou menos tão frequente quanto homem: quase não tem. A Gabi, que pelo visto não sua porque é uma anomalia genética, me estende um lenço. “Pressiona, não esfrega. Sua maquiagem.” Eu pressiono. Minha maquiagem é causa perdida, mas a intenção conta.

A recepção é calorosa e avassaladora. Duzentas delegadas de todos os continentes, e a impressão é de que cada uma delas quer me abraçar.

A Nia vem na frente. Alta, imponente, com uma voz capaz de encher o salão inteiro sem microfone e um abraço que faz osso estalar. “Anna! Até que enfim a nova suíça. Você é mais nova do que na tela.” Não sei se isso é elogio ou aviso.

A Leila me recebe com uma bandeja de tâmaras e uma frase: “Coma antes de falar. Palavra vazia vem de estômago vazio.” É mais baixa que eu, mas a presença dela é gigantesca. No cinto balança um pen drive. “Minhas estatísticas de emergência”, explica, séria. “Para o caso de alguém falar bobagem e eu precisar de fatos.” Gosto dela na mesma hora.

A Mei me cumprimenta com um aceno educado de cabeça e diz, baixinho: “Li o seu perfil. Impressionante para a sua idade.” Depois dá meia-volta e some. A Mei é

como um gato: elegante, silenciosa, e você nunca sabe se ela gosta de você ou apenas tolera.

A Irina não diz nada. Só me olha como quem me passa no raio X. Os olhos dela são de um azul pálido na fronteira do cinza, e ela pisca tão raramente que você começa a se perguntar se ela desaprendeu.

A Emelie aperta minha mão com uma pegada de torno de bancada. “Você é a nova. Não esquenta: na primeira vez, todo mundo chora. Na segunda, só a metade.” Ela abre um sorriso. Não tenho certeza de que é piada.

E então há a Hilda. A ministra alemã aperta minha mão e sorri, um sorriso caloroso com uma camada por baixo que eu não consigo nomear. Melancolia, talvez. Ou cansaço. Ou outra coisa completamente diferente. “Bem-vinda, Anna. Não se deixe intimidar. A maioria aqui não morde.” Depois, mais baixo: “A maioria.”

A Nia se inclina para o meu ouvido. “A Hilda tem um homem só dela. Você sabia?”

Faço que sim. “E o que a Adjoa acha?”

A Nia ri. “A Adjoa diz que homem em casa seria como peixinho dourado na banheira. Bonito de olhar, mas para quê?” Ela pisca para mim. “Nós amamos a Hilda. Mas essa história do Sven, para a maioria de nós, é conto de fadas de outra época. Fascinante. Não para imitar.”

A conferência abre às duas da tarde, num salão tão vasto que as últimas fileiras provavelmente precisam de binóculo. Vidro e aço, um pódio de madeira clara, cabines de intérpretes nas laterais (embora hoje a IA traduza em tempo real, mais rápido e com mais precisão que qualquer humano) e, no teto, um lustre que parece uma galáxia de cristal. Duzentas cadeiras. Duzentas mulheres. Duzentas histórias de vida. O ar-condicionado trabalha num nível que eu chamaria de compensação ártica: quarenta e cinco graus lá fora, uns quinze de sensação aqui dentro. A Gabi trouxe um casquinho de tricô.

Claro que trouxe.

E então chega a hora. Meu discurso.

Estou no púlpito com duzentos pares de olhos em cima de mim, e minhas mãos suam. A Suíça: país da neutralidade, do chocolate e das montanhas. O que eu vou dizer a essas mulheres que sobreviveram a guerras, reconstruíram países, escreveram história? Algumas delas, na minha idade, dirigiam campos de refugiados ou redigiam constituições. Eu, na minha idade, tenho três filhos, uma mancha de granola na blusa e um discurso que reescrevi do zero à uma e meia da madrugada.

Respiro fundo.

“Queridas colegas. Queridas irmãs de espírito. Estou aqui como a mais jovem desta roda e me pergunto se

tenho o direito de falar sobre paz. Eu nunca vivi uma guerra. Eu era criança quando o mundo pegava fogo. Minha lembrança mais antiga não é som de bomba. É o cheiro do fondue de queijo no Natal.”

Risadas esparsas. A Nia abre um sorriso.

“Mas talvez o ponto seja exatamente esse. Sou da primeira geração que não lutou por esta paz. Eu nasci dentro dela. E digo a vocês: isso me assusta mais do que qualquer guerra poderia assustar. Porque quem nunca lutou pela paz acha muito mais fácil tomá-la como garantida.”

Silêncio. Aquele tipo de silêncio que significa que estão ouvindo.

“Dez anos de paz. E, se formos honestas, ela não veio porque ficamos mais sábias. Veio porque o mundo mudou. Porque as mulheres assumiram a liderança. Não porque mulheres sejam pessoas melhores. Isso provavelmente seria fácil demais. É que o nosso jeito de liderar é outro.”

Olho para o salão. Duzentos rostos escutando.

“Trinta anos atrás, elegiam-se mulheres que transbordavam poder e autoridade. Mulheres que precisavam provar seu valor num mundo que não lhes pertencia. Hoje elegemos mulheres que sabem escutar. Mulheres que têm filhos. Mulheres que sabem o que é ser acor-

dada às seis da manhã por um menino de oito anos que pergunta por que o céu é azul e quer de verdade a resposta.”

Risadas baixas.

“Carisma já não é queixo empinado e punho na mesa. Carisma é empatia. Compreensão. Escuta. O mundo é governado por mães, avós, irmãs, companheiras. E talvez seja por isso que estamos há dez anos sem guerra. Não porque não tenhamos mais armas. Porque não há mais ninguém sentada à mesa que queira usá-las.”

Falo de transparência, da responsabilidade dos países pequenos, de como se entrega a paz à geração seguinte. Falo dos meus filhos: do Jonas, que prefere futebol a tricô, e da Elsbeth, que carrega o nome antiquado como uma coroa. E vejo os rostos no salão mudarem. Vejo o protocolo escorregar e algo humano vir à tona.

No fim, deixo com elas a única definição de paz em que eu confio.

“A paz não é um estado. A paz é uma rotina matinal. Levantar todos os dias, escovar os dentes, seguir em frente.”

Trinta minutos, e, quando termino, a Nia é a primeira a aplaudir. Depois as outras. A Hilda faz que sim para mim, devagar, com um olhar que diz: muito bem.

Vale mais do que o aplauso.

O intervalo do café, depois, é como o primeiro dia numa escola nova, só que todo mundo é mais simpático e o café é melhor. Em dez minutos, a Gabi já fez três contatos novos e pesquisou os melhores restaurantes da Marina de Dubai. Eu estou meio perdida junto à janela com a minha xícara, olhando o mar, quando a Leila aparece do meu lado.

“Bom discurso. Para uma iniciante.”

“Obrigada. Eu acho.”

“A do fondue foi esperta. Humor desarma.” Ela toma um gole de chá. “Sabe por que eu trago estatísticas plastificadas?”

“Porque você é nerd de números?”

Ela ri. “Também. Mas principalmente por isto.” Ela abaixa a xícara. “Os números não mentem. As pessoas sim. Discurso é bonito, Anna, mas, no fim do dia, o que conta é o que está nas tabelas.” Ela tira da bolsa uma folha plastificada e ergue. “População mundial: 4,7 bilhões. Mulheres: 92 por cento. Homens entre 18 e 40 anos: 3,1 por cento da população total.” Ela deixa os números assentarem. “Três vírgula um por cento. Não é muito, Anna.”

“Não”, digo baixinho. “Não é.”

A Leila guarda a folha e fica um instante em silêncio.

“Minha mãe”, diz então, “era economista. Como eu. Foi ela que me ensinou tudo o que eu sei de números. Sistemas, estruturas, a lógica por baixo do caos.” A voz dela desce um degrau. “Ela morreu há oito anos.”

“Sinto muito.”

A Leila faz um gesto de que não é nada, mas o gesto é rápido demais, cortante demais. “Ela foi morta a facadas. Por um homem. Ele estava, como é que se diz na Suíça, fora de si. Saiu esfaqueando mulheres a esmo na rua, e minha mãe estava na hora errada no lugar errado.”

Não digo nada. O que se diz?

“Foi um dos últimos atos de violência de um homem nos Emirados”, continua a Leila. “Depois disso, endureceram as leis de segurança. O que não traz minha mãe de volta.” Ela olha pela janela. “Sabe o que é o absurdo? Os números vêm dela. As folhas plastificadas eram coisa dela. Eu continuei porque, quando uso o método dela, parece que ela ainda está na sala.”

“Isso é bonito.”

“Isso é triste. Mas obrigada.” Ela termina o chá. “Chega. Me conta dos seus filhos. Depois de tanto número, eu preciso de alguma coisa viva.”

À tarde, grupos de trabalho. Economia, educação, segurança. Fico na educação, o que significa duas horas de

currículo com dezoito mulheres de catorze países. Fascinante e exaustivo na mesma medida. As delegadas escandinavas têm os melhores conceitos, as africanas, as histórias mais inspiradoras, e as chinesas, a maior quantidade de slides de PowerPoint. A Mei sozinha preparou oitenta. Oitenta slides. Para uma janela de vinte minutos. A Gabi sussurra: “Essa mulher não dorme. Ela powerpointa.” Quase me engasgo com a água.

No jantar, sento ao lado da Nia. A comida é espetacular, uma mistura de cozinha árabe e internacional arrumada com tanto capricho que quase dá pena de destruir. Quase. A Nia não tem pena nenhuma. Come com um entusiasmo que contagia e, entre uma garfada e outra, fala de casa.

“Sabe qual é a maior diferença, Anna? Não é a política. Não é a economia. São as meninas. Vinte anos atrás, elas não iam à escola. Hoje vão e não voltam mais, porque depois da aula querem o clube de esportes, depois o coral, depois o dever de casa, e no fim ainda reclamam que o dia é curto demais.” Ela ri, e a risada rola pela mesa inteira como uma onda.

Na terceira taça de vinho, a Nia simplesmente se levanta do lugar, sem microfone, e faz um discurso não oficial que deixa todo mundo em lágrimas. Ela conta de uma menina do país dela. Seis anos, primeiro ano. A menina chegou da escola e disse para a avó: “Vó, hoje eu aprendi a ler.” A avó chorou, porque ela mesma nunca

tinha aprendido. Para ela, quando menina, isso simplesmente não estava previsto.

“E aí”, diz a Nia, “no dia seguinte a menina chegou em casa e disse: ‘Vó, hoje eu escrevi. E sabe o que eu escrevi? O seu nome.’”

A mesa inteira chora e ri ao mesmo tempo, e eu penso: é por este momento que a viagem inteira valeu a pena. A voz da Nia agora está mais baixa, mas ainda alcança todo mundo. “E sabem o que aquela menina me disse quando eu visitei a escola dela?” Pausa. “Ela disse: ‘Quando eu crescer, quero ser igual a você. Só que com o cabelo mais comprido.’”

Gargalhada. Lágrima. A Nia passa a mão pela cabeça; o cabelo dela mal chega a dois centímetros. “Pois é”, diz. “No cabelo eu ainda estou trabalhando.”

Depois do jantar, quando a maioria já subiu para os quartos, a Leila me pega pelo braço. “Sauna?”

Depois de doze horas de viagem, um discurso, grupos de trabalho e um jantar emocionante, eu não tenho mais nada dentro de mim. Meu corpo diz cama. Meu cérebro diz cama. Meus pés, há sete horas dentro de um sapato novo, gritam cama. Mas a Leila não aceita não como resposta. Ela tem um jeito de olhar para você que não admite contestação. Não é mandona. É mais tia que sabe exatamente o que é bom para você.

A sauna a vapor do hotel é opulenta. Azulejo dourado, eucalipto, luz baixa e, no canto, uma fontezinha murmurando sozinha. Os bancos são de uma madeira escura que parece quente antes mesmo do toque. As toalhas são tão fofas que dava para afundar numa delas e nunca mais ser encontrada.

A Leila trouxe folhas plastificadas.

Para dentro da sauna.

Folhas. Plastificadas.

“O que é isso?”, pergunto, embora dê para adivinhar.

“Os números atuais da população. Por continente, taxa de natalidade e proporção entre os sexos.” Ela espalha as folhas no banco como um mapa. “Mais a projeção econômica dos próximos cinco anos e uma análise especial do mercado de bancos de sêmen.”

Fico encarando. “Você traz planilha para a sauna?”

“Estão plastificadas. O papel aguenta a umidade.” Ela diz isso como quem diz a coisa mais normal do mundo. “Além do mais, sauna é o melhor lugar para conversa honesta. Ninguém esconde nada quando ninguém está vestindo nada.” Ela abre um sorriso. “No literal e no figurado.”

E assim ficamos, envoltas em vapor, a Leila me guiando pela evolução demográfica do norte da África enquanto o suor escorre para dentro dos meus olhos. Os números

são impressionantes e deprimentes ao mesmo tempo. Em alguns países antes de maioria muçulmana, a proporção de mulheres está em noventa e oito por cento. A taxa de natalidade caiu para um vírgula dois.

“O que me surpreende”, diz a Leila, batendo o dedo num gráfico, “é a taxa de partenogênese. Quase todo país oferece. Subsidiada. Mais barata que qualquer banco de sêmen. E mesmo assim só oito por cento das mulheres que querem ter filhos usam.”

“Por quê?”

“Porque mulher tem esperança. Espera um menino, mesmo sabendo o que isso significa. Ou quer os genes de um doador: os olhos dele, a altura dele, a história dele. A partenogênese entrega uma cópia da mãe. Para muita mulher, é pouco.” Ela dá de ombros. “A biologia está pronta. As pessoas ainda não.”

Em algum momento, empurro a conversa para longe das planilhas.

“Me conta. Você teve um bom doador?”

A Leila abre um sorriso. “Um norueguês. Loiro, um metro e noventa, fala quatro línguas. No papel, o homem perfeito. No catálogo, em hobbies, estava escrito: velejar e filosofia.” Ela revira os olhos. “Velejar e filosofia. Imagina você num barco, enjoando, enquanto alguém explica Nietzsche.”

Fim da amostra de leitura

Como continua a história de Anna, de Amira e das crianças:
descubra na edição completa:

Paz mundial: Um romance · D. Rose

Disponível em brochura e e-book.